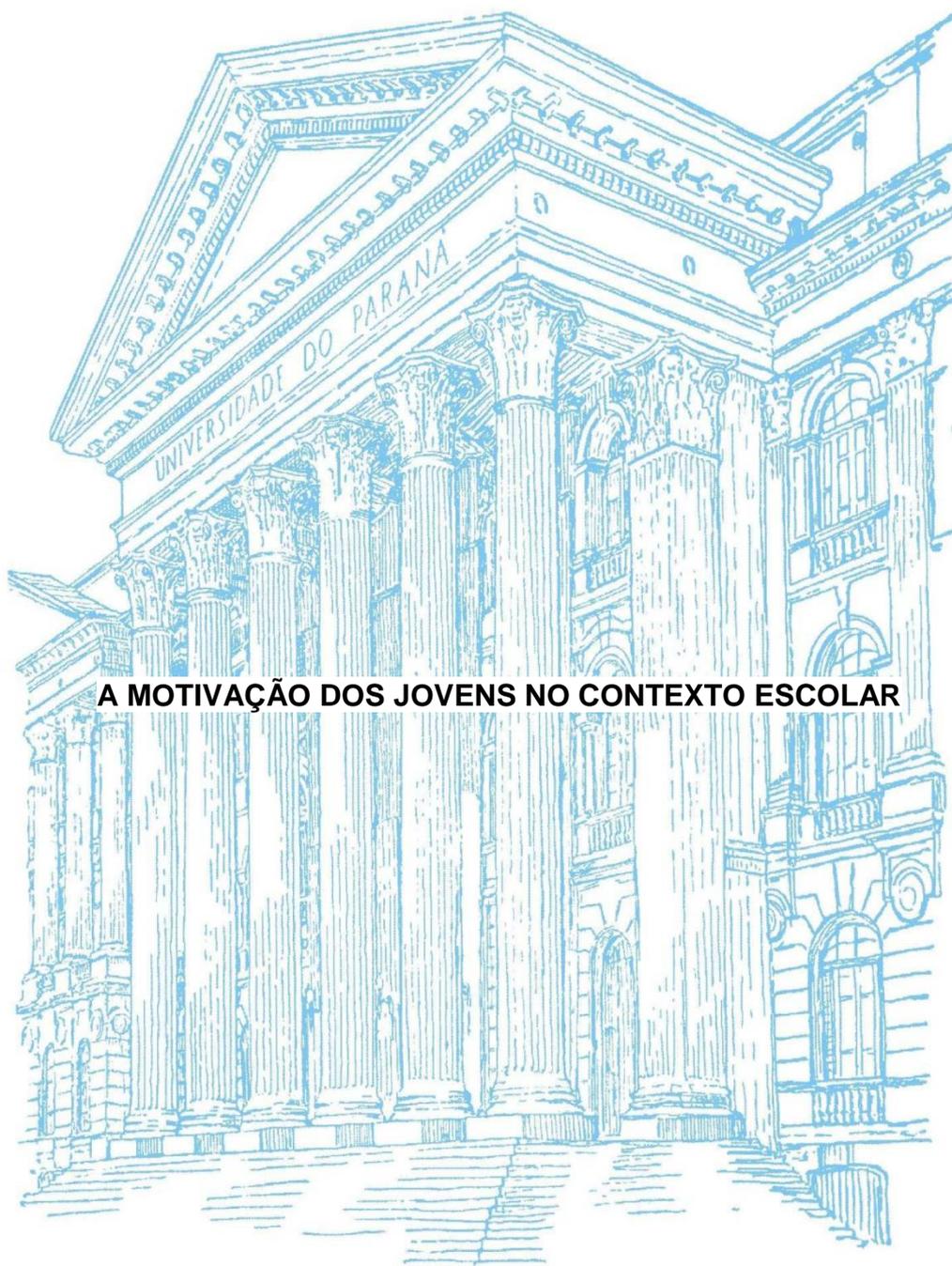


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

DÉBORA BAPTISTA DA ROCHA SEGANTINE

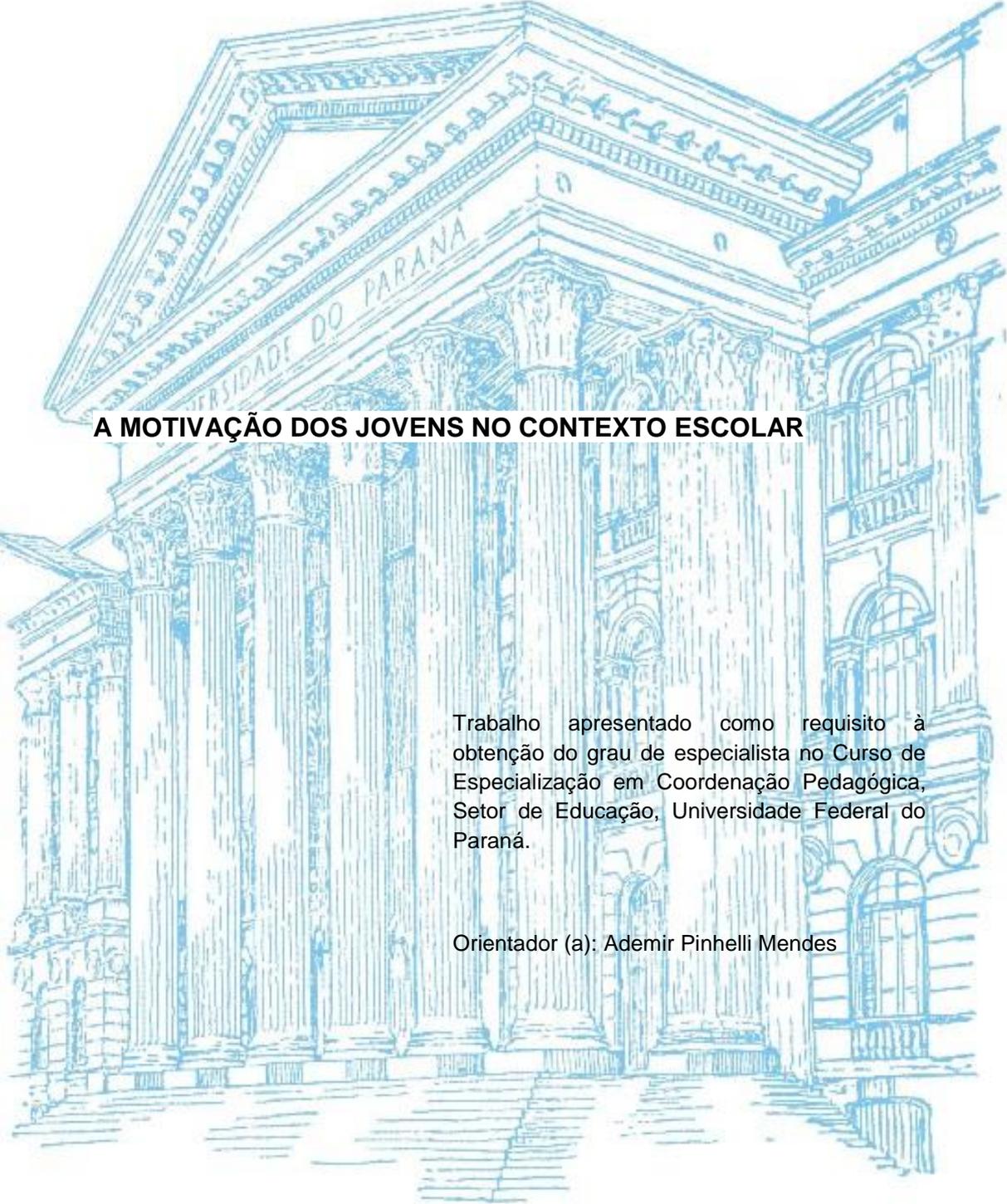


A MOTIVAÇÃO DOS JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

CURITIBA

2016

DÉBORA BAPTISTA DA ROCHA SEGANTINE



A MOTIVAÇÃO DOS JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Ademir Pinhelli Mendes

CURITIBA

2016

A MOTIVAÇÃO DOS JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

DÉBORA BAPTISTA DA ROCHA SEGANTINE¹

RESUMO

A motivação dos estudantes é um fator decisivo no que diz respeito a aprendizagem e desempenho escolar, uma vez que produz implicações diretas na qualidade do envolvimento dos jovens com os estudos. Diante desta afirmação procuramos em autores como Rufini, Bzuneck, Guimarães entre outros autenticar esta pesquisa e com base na Teoria da Autodeterminação e almejando identificar os tipos de motivação que estão presentes no dia-a-dia dos estudantes de um colégio estadual do norte do Paraná, utilizamos a *Escala de Motivação de Estudantes do Ensino Fundamental* (EMEEF), elaborada por Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011) em 23 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Como resultado principal, destacamos o percentual de motivação intrínseca que apareceu positivamente, contrariando as expectativas e especulações que vemos e ouvimos dentro da própria escola. Por fim, entendemos ser necessário a continuidade deste estudo, buscando meios de aumentar a motivação dos jovens para que se envolvam com mais nos estudos.

Palavras-chave: Motivação, Desmotivação, Jovens.

¹ Artigo produzido pela aluna Débora Baptista da Rocha Segantine do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do professor Ademir Pinhelli Mendes. E-mail: debby_ida@hotmail.com

Introdução

Todos sabemos que as condutas humanas se diferenciam das condutas dos demais animais, pois nós, humanos, temos a capacidade de projetar a existência no amanhã e os animais agem instintiva e repetitivamente. De acordo com Faleiros (2005) é na juventude que começamos a pensar que rumo tomar na vida, que escolhamos qual caminho iremos percorrer, ou seja, começamos a projetar nosso futuro. Os projetos de vida tendem a ter uma lógica própria, dependendo do contexto socioeconômico-cultural no qual o jovem está inserido e isso implica diretamente na relação ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

Mas o jovem de hoje tem projetos, sonhos para o futuro? Atualmente percebemos uma grande desmotivação dos jovens em relação aos estudos. No nosso dia-a-dia na escola, convivemos com muitos alunos descompromissados, desinteressados, que vão à escola apenas para encontrar com amigos, demonstrando total apatia pelos estudos.

Os estudantes desmotivados pelas tarefas escolares apresentam desempenho abaixo de suas reais potencialidades, distraem-se facilmente, não participam das aulas, estudam pouco ou nada e se distanciam do processo de aprendizagem. Assim, aprendem pouco correndo risco de evadir da escola limitando suas oportunidades futuras(CAVENAGHI; BZUNECK, 2009, p.1478).

Podemos observar, através de dados do INEP, que a efetivação de matrículas da rede pública vem apresentando quedas desde 2007. Isso se justifica pelo fato de grande parte dos jovens das escolas públicas vivem em situação de pobreza e essa condição interfere diretamente na trajetória e possibilidades que assumem o comportamento juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, trabalham para garantir recursos para o sustento da casa, o lazer e/ou consumo. Para uma boa parte da juventude brasileira a escola e o trabalho são realidades combinadas e cotidianas, mas muitas vezes essa combinação se torna cansativa e muitos acabam por optar em fazer aquilo que se faz mais urgente e então desistem da escola e optam pelo trabalho.

Mas não é só a queda no número de matrículas que preocupa. Grande parte das escolas primam pelo bom convívio entre os membros da comunidade escolar respeitando as diferenças existentes em nosso meio e ainda que esse convívio escolar seja bom, percebemos uma mudança no comportamento do alunado nos

últimos 10 anos. Houve uma mudança considerável em suas formas de se comunicar, divertir e se relacionar. O surgimento da internet, e mais especificamente das redes sociais, os aparelhos de telefone celular, entre outras novidades tecnológicas, trouxeram um desinteresse ainda maior pela sala de aula. Desinteresse que aumenta diante dos materiais obsoletos de que dispõe o professor para realizar suas aulas. Esse desinteresse somado à desestruturação familiar torna o trabalho do professor cada vez mais difícil. Os alunos desinteressados não são cobrados pela família, não sofrem sanções pelo mau desempenho escolar e, assim se tronam ainda mais desinteressados, formando-se um círculo vicioso em que o aprendizado, tarefa fundamental da escola, fica muito prejudicado. Os professores, de forma geral, continuam a fazer o que é legítimo para a escola, ensinar os conteúdos pedagógicos. Quando conversamos informalmente com os alunos, estes reconhecem o papel da escola em suas vidas, mas preferem não assumir a responsabilidade por suas aprendizagens, pois estudar leva tempo, esforço físico e concentração, fatores não aceitos pela maioria dos jovens que hoje estão na escola pois são imediatistas e o benefício de estudar se dá a longo prazo. Para eles a escola é chata e entediante. Eles preferem mesmo, ser bombardeados por mecanismos tecnológicos virtuais efêmeros, impregnados de informações, mas carentes de conhecimento e assim, o tédio muitas vezes se transforma em indisciplina.

E é neste contexto que se faz necessário um estudo tendo por objetivo avaliar a qualidade motivacional de um grupo de estudantes do ensino fundamental, bem como investigar as possíveis relações com a variável idade. Para a realização deste estudo utilizamos a *Escala de Motivação de Estudantes do Ensino Fundamental* (EMEEF), elaborada por Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011), aplicada à uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de um colégio estadual da cidade de Paiçandu, no norte do Paraná. O estudo está organizado em 3 seções, sendo a primeira constituída por esta introdução, na segunda seção, através de uma revisão de literatura, conceitua-se motivação, a Teoria da Autodeterminação, seus fundamentos e escalas. Na terceira seção, é apresentada a metodologia utilizada para a realização deste estudo e na quarta seção, são destacados os resultados obtidos e na quinta e última seção são realizadas as considerações finais.

Revisão bibliográfica

A educação é um tema que está sempre em discussão, pois é concebida como indispensável para o desenvolvimento de qualquer sociedade, como pontua Piaget (1984), ao propor as metas que norteiam a educação:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Infelizmente, atualmente a desmotivação e o desinteresse dos alunos têm causado apreensão entre o meio educacional. Ultimamente várias pesquisas apontam o que já percebemos nas salas de aulas, que os alunos estão sem interesse em estudar. Aqui, cabe ressaltar a importância da motivação para a aprendizagem, como afirma Bzuneck (2009, p.13):

[...] alunos desmotivados estudam muito pouco os nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, aí se configura uma situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizam-se como pessoas, além de se capacitarem a aprender pela vida afora.

Inúmeros estudos e pesquisas apontam vários motivos, entre eles a própria conduta dos professores, como pontua Carvalho, Pereira e Ferreira, p.2, “[...] observa-se que muitos educadores, por inúmeras razões, têm realizado aulas monótonas e maçantes, não favorecendo a motivação e o interesse dos alunos para o aprender na escola.”

Porém, não cabe aos professores carregarem esse fardo sozinho. Em suma, a falta de desejo de aprender observada em determinados alunos pode ter como causas prováveis: a) a possibilidade de não conseguir emprego após o término dos estudos; b) a alienação dos alunos motivada pela alienação dos professores; c) problemas no vínculo afetivo entre professor e aluno; d) alunos educados para a submissão, e não para serem autônomos; e) a indisciplina demonstrada por grande número deles; f) a apatia que os alunos demonstram, por absoluta falta de incentivo (não são estimulados a fazer perguntas); g) superproteção ou desinteresse total da família, entre outros.

Diante deste cenário é necessário entendermos o que é motivação. A motivação constitui-se em uma experiência interna muito complicada de ser investigada e apreendida de forma direta. Ou seja, a motivação simboliza um poder

de difícil caracterização da sua natureza, pois não pode ser notada diretamente, exceto pelas condutas exibidas pelos indivíduos.

Tentando conceituar motivação, Bzuneck, assevera que:

A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo (Bzuneck, 2000, p.9).

Em resumo, segundo Bzuneck (2000, p. 9) “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”. No caso dos alunos, neste sentido, as pesquisas de Accorsi, Bzuneck e Guimarães (2007), Boruchovitch e Bzuneck (2004) e Goya, Bzuneck e Guimarães (2008) indicam que, a ausência de motivação para aprender acaba por desencadear o baixo desempenho escolar, considerando a falta de esforço e dedicação no próprio aprendizado.

A motivação traz à memória motivo e são os motivos que sustentam o sujeito ativo até que seus desejos sejam satisfeitos e neste sentido, não é um trabalho fácil promover a aprendizagem escolar, uma vez que percebemos que os alunos não veem motivos para aprender. Como o aluno não descobre nenhum significado na tarefa que deve realizar, não encontra objetivo futuro nesta aprendizagem, dificilmente terá interesse em aprender. E são muitos os fatores que envolvem esta falta de motivação, que vão além da escola, tais como família, cultura, classe social:

[...] os motivos de um aluno são um produto da interação dele com os diferentes contextos em que está presente o sentido da aprendizagem escolar. Essa responsabilidade da escola e dos professores não pode fazer com que se esqueça de que a motivação é moldada em contextos não escolares, como a família, a classe social e a cultura. (COLL, 2004, p. 129)

Considerando a conceituação de motivação, é primordial o entendimento da Teoria da Autodeterminação, teoria que indica que propõe que todo comportamento é intencional, isto é, guiado para um determinado objetivo, que pode ter sido gerado pela vontade própria, autônoma da pessoa ou por incentivos controlados.

Uma pessoa pode ter a intenção de agir por iniciativa e regulação autônomas quando, por exemplo, decide por compor uma poesia por vontade própria ou, em contraposição, fazer essa poesia por uma intenção controlada, porque o professor solicitou a tarefa, porque há recompensas à vista, ou por qualquer outra forma de pressão externa ou intrapsíquica (Rufini, Bzuneck e Oliveira, 2012, p. 54).

A partir das inúmeras pesquisas sobre o tema, Gagné e Deci (2005) apresentam um continuum de autodeterminação (Figura 1) em diferentes graus de

motivação são apresentados qualitativamente, de acordo com a internalização das regulações externas para o comportamento.

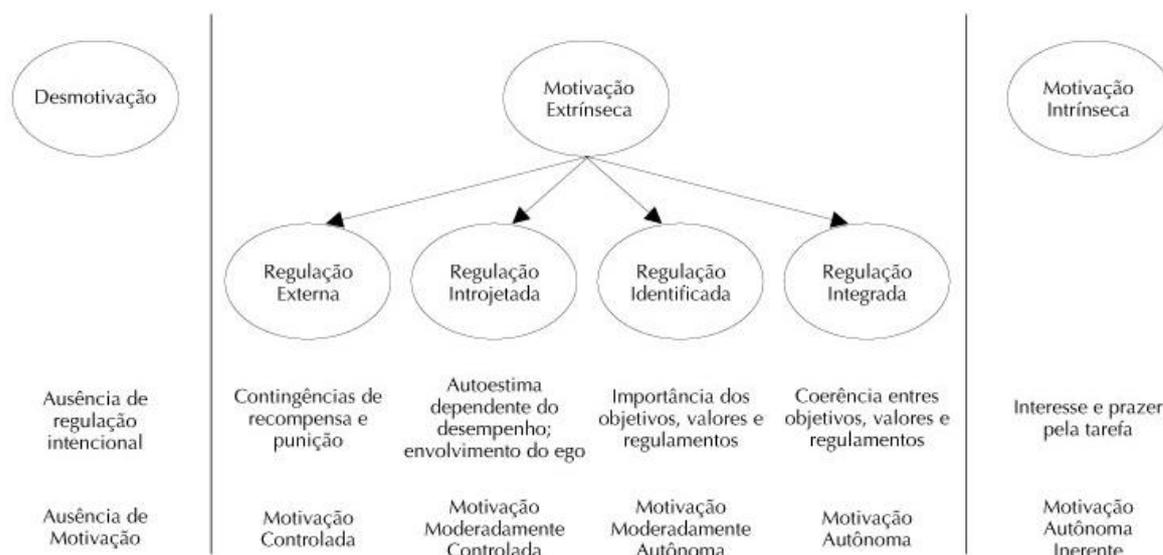


Fig. 1. Continuum de autodeterminação. Fonte: adaptado de Gagné e Deci (2005, p. 336).

Nesta análise, a motivação é classificada em três grupos: desmotivação, motivação extrínseca e motivação intrínseca. O grupo da motivação extrínseca é subdividido em quatro tipos de regulação comportamental, a saber: regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada.

A desmotivação é marcada pela falta de motivação, ou seja, a pessoa não apresenta comportamento nem determinação proativa e muitas vezes pode-se observar, inclusive, “uma desvalorização da atividade e falta de percepção de controle pessoal.” (Guimarães & Bzuneck, 2008, p. 103).

No que diz respeito a motivação extrínseca, esta implica em uma atividade intencional que está subdividida de acordo com os diferentes ações que regulam o comportamento: 1) regulação externa: é o tipo menos autônomo de motivação, uma vez que o indivíduo toma as decisões baseado em obter recompensas ou evitar punições, por exemplo, o aluno está motivado para estudar a tarde toda pois se for bem na avaliação do dia seguinte, seus pais permitirão que compareça à determinada festa. 2) regulação introjetada: o indivíduo comanda os resultados externos mediante os efeitos de pressões internas como culpa e ansiedade, ou seja, suas escolhas não são realmente verdadeiras, por exemplo, o aluno está motivado para estudar a tarde toda pois se for mal na avaliação do dia seguinte, seus pais ficariam chateados e ele se sentiria culpado. 3) regulação identificada: diferente das

anteriores, que “tipicamente não são autodeterminadas ou autônomas, mas sim tipos diferenciados de motivação controlada, uma externamente e outra internamente” (Rufini, Bzuneck e Oliveira, 2011, p. 2), no caso da regulação identificada, há certa interiorização, mesmo que o motivo para fazer algo seja de essência externa. Por exemplo: “um adolescente que tem como meta de vida tornar-se escritor e, por isso, assume como valor próprio praticar leitura e redação” (Rufini, Bzuneck e Oliveira, 2011, p. 2). Percebe-se aqui que o indivíduo concebe determinado comportamento como de relevância pessoal, admitindo sua regulação como pessoal. 4) regulação integrada: há correlação entre comportamento, objetivos e valores do indivíduo. Apesar do foco ainda estar “nos benefícios pessoais advindos da realização da atividade” (Guimarães & Bzuneck, 2008, p. 103), é o tipo de motivação extrínseca mais independente. Um exemplo de regulação integrada é um aluno de mestrado, cuja meta de “elaborar seu trabalho de dissertação com qualidade pode ser integrada aos seus valores pessoais, de tal modo que ele não distinga facilmente exigências externas das suas próprias” (Rufini, Bzuneck e Oliveira, 2011, p. 3). Com certeza, se o diploma de mestre não necessitasse da apresentação do trabalho, ele não se dedicaria tanto na elaboração da dissertação. Este tipo de regulação, não aparece nas questões da *Escala de Motivação de Estudantes do Ensino Fundamental* (EMEEF), portanto não será utilizada neste estudo..

Enfim, a motivação intrínseca, como o próprio nome diz, é aquela que é inerente a pessoa, ou seja, é aquela em que se tem interesse e satisfação na realização de algo, com o objetivo em si mesmo, na sua maneira de ser, sem a necessidade de recompensas.

Para diferenciar a motivação extrínseca da intrínseca, basta observar se quem está realizando determinada atividade ou ação a faz por obrigação, para receber alguma recompensa (extrínseca) ou simplesmente por ser importante para ela (intrínseca):

[...] a diferença entre motivação extrínseca e intrínseca pode ser esclarecida com a resposta dada para a questão: Caso a pessoa não obtenha qualquer consequência com a realização da atividade, mesmo assim continuaria persistindo e se esforçando nela? Se a resposta for positiva temos aí motivação intrínseca, ao contrário, a motivação extrínseca está presente, mesmo que a regulação do comportamento tenha sido internalizada e esteja alinhada aos valores e metas pessoais (Csikszentmihalyi, 1992, apud Rufini, Bzuneck e Oliveira, 2011, p. 3).

Destarte, a revisão bibliográfica realizada, apontou dados relevantes sobre a recorrente reclamação que ouvimos no nosso cotidiano nos colégios, tanto por parte dos professores, quanto de pais ou responsáveis pelos alunos. Porém, sabemos que cada colégio possui sua própria especificidade, sua própria realidade e neste sentido, objetivo deste estudo é identificar, através de uma pesquisa básica de natureza qualitativa, com abordagem de caráter descritivo, quais são os fatores determinantes de motivação e desmotivação dos alunos do colégio em que atuo e, partindo destes dados, realizar uma reflexão acerca de possíveis estratégias para garantir maior motivação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Metodologia

Participantes

Participaram da pesquisa 23 alunos que cursam o 9º ano do Ensino Fundamental de um colégio público do município de Paiçandu/PR. O colégio localiza-se em uma área central e privilegiada e os alunos deste estabelecimento de ensino são oriundos de vários pontos estratégicos da cidade e conseqüentemente de várias camadas culturais e sociais do município. A faixa etária dos participantes variou entre 13 a 15 anos, sendo 39,1% do gênero masculino e 60,9% do gênero feminino.

Instrumentos

Foi utilizada a *Escala de Motivação de Estudantes do Ensino Fundamental* (EMEEF), elaborada por Rufini, Bzuneck e Oliveira (2011), conforme os tipos diferenciados de motivação, de acordo as hipóteses da teoria da autodeterminação. Partindo da indagação *“Por que venho à escola?”* são apresentadas afirmativas, em escala do tipo Likert com cinco níveis, para que os alunos indicassem o seu grau de concordância com as afirmações. A escala utilizada apresenta cinco fatores: desmotivação, motivação extrínseca por regulação externa, introjetada, identificada e motivação intrínseca.

Procedimento

Coleta de Dados

A pesquisa foi aplicada em um colégio estadual do município de Paiçandu/PR, após assinatura de autorização para a realização da pesquisa por parte dos pais dos alunos e da direção do colégio. Em sala de aula, os alunos receberam as informações sobre a pesquisa, seu objetivo e como respondê-la, através um item de exemplo com a seguinte questão: “*Por que vou ao shopping?*”. Esclarecidas algumas dúvidas, os alunos, responderam individualmente, sem identificarem-se e em aproximadamente trinta minutos, os itens de avaliação da qualidade da motivação.

Análise dos Dados

Os dados analisados a partir de 29 itens, apresentados na tabela 1, e foram calculados percentuais de acordo com os fatores – desmotivação, motivação extrínseca por regulação externa, introjetada, pela variável gênero.

Tabela 1 – Inventário e tipos de motivação

Questões	Tipo de Motivação
1. Não sei, acho não tem nada para se fazer na escola	Desmotivação
2. Tenho preguiça de ir à escola	Desmotivação
3. Venho à escola porque meus pais querem que eu venha	Regulação Introjetada
4. Venho à escola porque meus pais mandam	Regulação Externa
5. Venho à escola porque sinto prazer em aprender coisas novas	Motivação Intrínseca
6. Se eu não vier à escola meus pais ficam tristes, chateados	Regulação Introjetada
7. Venho à escola para não ficar em casa	Regulação Externa
8. Não sei porque venho, eu acho a escola chata	Desmotivação
9. Venho para não me chamarem de burro	Regulação Introjetada
10. Não sei porque eu venho à escola, eu não gosto	Desmotivação
11. Venho à escola porque meus pais ficam alegres	Regulação Introjetada
12. Venho à escola para responder à chamada	Regulação Externa
13. Venho à escola porque é aqui que se aprende	Regulação Identificada

14. Venho à escola para não receber faltas	Regulação Externa
15. Antes eu gostava de vir à escola, mas agora não gosto mais	Desmotivação
16. Venho porque eu gosto de vir à escola	Motivação Intrínseca
17. Venho à escola para aprender	Regulação Identificada
18. Não tenho vontade de vir à escola	Desmotivação
19 Venho à escola para que os professores vejam que sou bom aluno	Regulação Introjetada
20. Venho porque fico feliz quando estou na escola	Motivação Intrínseca
21. Venho para a escola porque é importante para o meu futuro	Regulação Identificada
22. Tenho que mostrar para mim mesmo que sou bom aluno	Regulação Introjetada
23. Venho à escola para aprender mais	Regulação Identificada
24. Venho à escola para ser alguém na vida	Regulação Identificada
25. Venho à escola porque me sinto bem aqui	Motivação Intrínseca
26. Venho à escola para não reprovar	Regulação Externa
27. Venho à escola porque senão meus pais ficam bravos comigo	Regulação Externa
28. Venho à escola para ver meus amigos	Regulação Externa
29. Venho à escola porque acho legal aprender	Motivação Intrínseca

Resultados

A partir deste questionário ou inventário e através da análise dos dados, observou-se que a maioria dos alunos que participaram deste estudo são do gênero feminino, em um percentual de 60,9% dos entrevistados (Tabela 2).

Tabela 2 - Gênero dos alunos

Masculino		Feminino		Total	
n	%	n	%	n	%
9	39,1	14	60,9	23	100

A faixa etária dos participantes variou entre 13 a 15 anos, sendo que mais da metade deles possuem 14 anos de idade (Tabela 3).

Tabela 3 - Idade dos alunos

13		14		15	
n	%	n	%	n	%
6	26,1	13	56,5	4	17,4

Ao contrário da percepção da maioria das pessoas, na tabela 4, percebemos que apenas uma pequena parte dos participantes identificaram-se com as questões que se referiam a desmotivação. Na verdade, a maioria se reconheceu nas questões que caracterizam comportamentos de motivação intrínseca e motivação extrínseca por regulação identificada. A segunda maior média foi alcançada pela motivação extrínseca por regulação identificada.

Tabela 4 – Análise de identificação com os tipos de motivação

	Motivação Extrínseca						Motivação Intrínseca			
	Desmotivação		Regulação Externa		Regulação Introjetada		Regulação Identificada			
	n	%	n	%	n	%	n	%		
Total geral	5	21,7	11	47,8	10	43,5	22	95,7	14	60,9
Gênero masculino	3	33,3	7	77,8	8	88,9	9	100,0	6	66,7
Sexo Feminino	2	14,3	4	28,6	2	14,3	13	92,9	8	57,1

Considerando a variável gênero, observamos, ainda na tabela 3, que o masculino é o que apresenta o maior índice de respostas que caracterizam a desmotivação, porém também apresentaram o maior índice de respostas que caracterizam a motivação intrínseca. É importante destacar que as questões de número 2 (tabela 1) foi a que os alunos, de ambos os gêneros, mais se identificaram quanto a desmotivação. No que diz respeito à motivação intrínseca, as questões de números 20 e 25 foram as mais assinaladas, também por ambos os gêneros. No que se refere a motivação extrínseca por regulação identificada, os alunos se identificaram com as questões de números 23 e 24.

Considerações finais

Os dados obtidos neste estudo com a presente metodologia e com a presente amostra, apresentou informações nos inspiram a acreditar que é possível realizar um trabalho junto aos alunos para aumentar suas motivações pelo estudo, ainda que através da motivação extrínseca. O percentual de motivação intrínseca apareceu positivamente, contrariando as expectativas e especulações que vemos e ouvimos dentro da própria escola.

Diante dos resultados apresentados, acredita-se que este estudo representou importantes contribuições para a compreensão da motivação dos jovens no contexto escolar e deu abertura para novos estudos no que diz respeito a métodos de ampliação da motivação dos alunos para os estudos e conseqüentemente para a aprendizagem.

Referências bibliográficas:

- BRASIL. Ministério da Educação. *Relatório educação para todos no Brasil 2000-2015*. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20514:consulta-publica-ao-relatorio-educacao-para-todos-no-brasil-2000-2015&catid=454&Itemid=164 . Acesso em: 06/04/2015.
- BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BZUNECK, J. A.; BORUCHOVITCH, E. (orgs.). **A motivação do aluno**: contribuições da psicologia contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.9-36.
- CARRANO, M.; DAYRELL, J. (Orgs.). Formação de professores do ensino médio, etapa I caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba : UFPR/Setor de Educação, 2013.
- CARVALHO, M.F.N, PEREIRA, V.C e FERREIRA, S.P.A. **A (Des) motivação da aprendizagem de alunos de escola pública do ensino fundamental I**: Quais os fatores envolvidos?. Universidade Federal do Pernambuco, UFPE, Pernambuco. Disponível em <http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/a%20desmotivao%20da%20aprendizagem%20de%20alunos%20de%20escola.pdf> Acesso em 27/01/2016
- CAVENAGHI, Ana Raquel Abelha; BZUNECK, José Aloyseo. A motivação de alunos adolescentes enquanto desafio na formação do professor. In: **IX Congresso Nacional de Educação, III Congresso Sul Brasileiro de Psicopedagogia**, PUCPR, 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1968_1189.pdf . Acesso em 06/04/2015
- COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FALEIROS, V. P. Juventude/Juventudes no Brasil. Anais do II Simpósio Internacional sobre Juventude, Violência, Educação e Justiça. UFRGS-cd-POA, 2005.
- Gagné, M., & Deci, E. L. (2005, January). Self-determination theory and work motivation. **Journal of Organizational Behavior**, Malden, 26, 331-362.
- PIAGET, Jean – **Para onde vai a educação?** –. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora José Olimpyo, 1984.
- RUFINI GUIMARAES, Sueli Édi; BZUNECK, José Aloyseo. Propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação da motivação de universitários. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 13, n. 1, p. 101-113, mar. 2008 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212008000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27/05/2016.

RUFINI, Sueli Edi; BZUNECK, José Aloyseo; OLIVEIRA, Katya Luciane de. Estudo de validação de uma medida de avaliação da motivação para alunos do ensino fundamental. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba , v. 16, n. 1, p. 1-9, Apr. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08/03/2016.

_____. A qualidade da motivação em estudantes do ensino fundamental. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 22, n. 51, p. 53-62, Apr. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2012000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08/03/2016.

SILVA, E. L. MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.